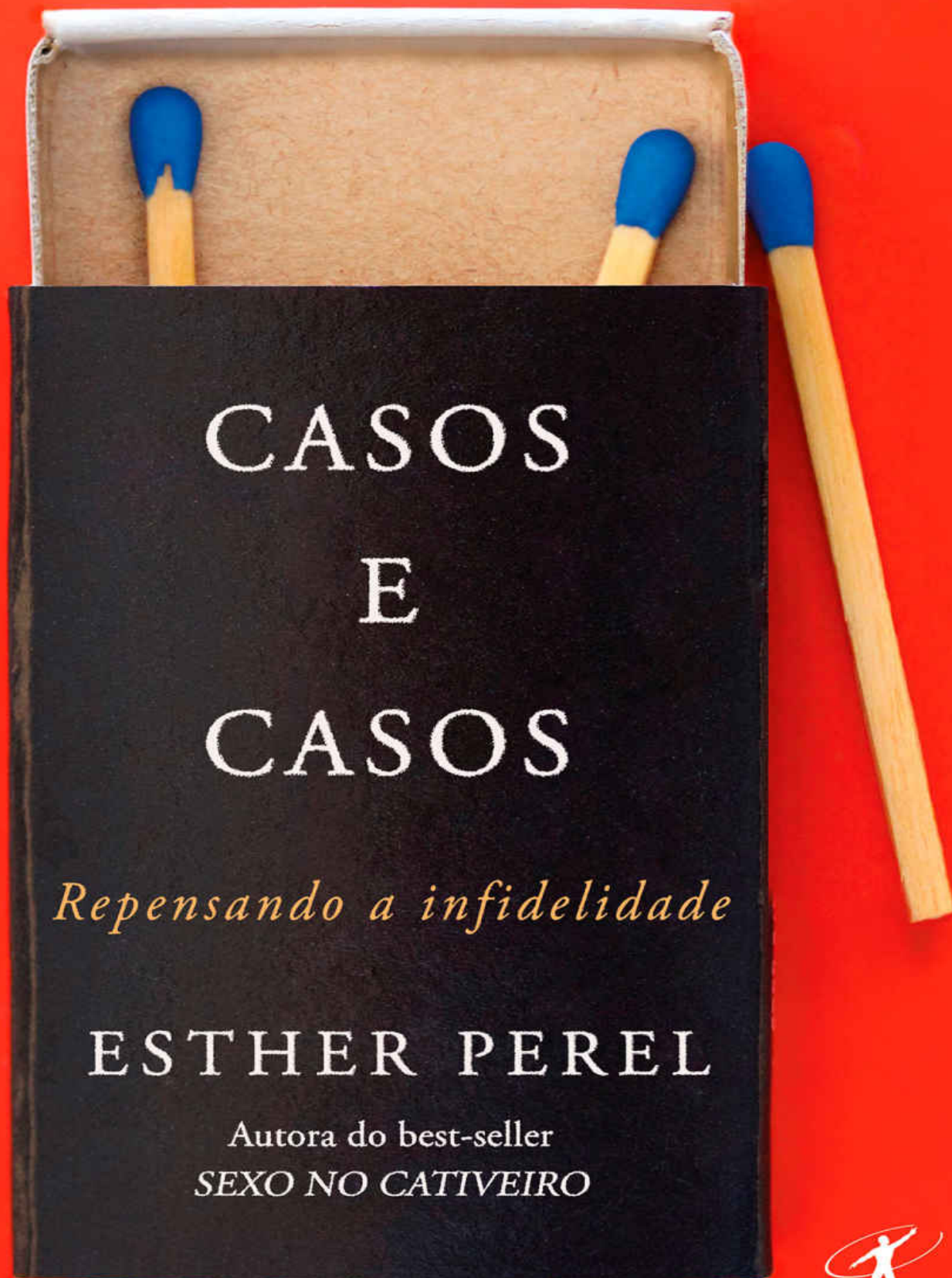


“Lindo. Um apelo brilhante e inteligente à compreensão e à bondade.”

ALAIN DE BOTTON



Esther Perel

Casos e casos

Repensando a infidelidade

TRADUÇÃO
Débora Landsberg



*Para Jack,
que eu amei por três décadas,
e
para qualquer um que já tenha amado.*

Sumário

Introdução

PARTE I: A PREPARAÇÃO DO TERRENO

1. Uma nova conversa sobre casamento e infidelidade
2. A definição de infidelidade: bater papo é trair?
3. Os casos não são mais como eram antigamente

PARTE II: AS SEQUELAS

4. Por que a traição dói tanto
5. Lojinha de horrores
6. Ciúme
7. Autorrecriação ou vingança
8. Contar ou não contar?

PARTE III: SIGNIFICADOS E MOTIVAÇÕES

9. Até pessoas felizes traem
10. Um antídoto para o torpor
11. Sexo pode ser apenas sexo?
12. A mãe de todas as traições?
13. O dilema da amante

PARTE IV: PARA SEMPRE

14. Monogamia e seus dissabores
15. Depois da tempestade

Agradecimentos

Notas

Introdução

Existe um simples ato transgressivo capaz de acabar com a relação, a felicidade e a identidade de um casal: um caso extraconjugal. Porém, esse ato extremamente comum é pouco compreendido.

Como terapeuta, escritora, instrutora e palestrante, venho investigando há quase três décadas as complexidades do amor e do desejo nas relações dos casais modernos. Meu primeiro livro, *Sexo no cativo*, explorava a natureza do desejo erótico em relações duradouras e incluía apenas um capítulo sobre infidelidade. Para a minha surpresa, sempre que eu dava uma palestra ou entrevista a respeito do livro, não importava em qual lugar do mundo, o tema da infidelidade era o que mais despertava a curiosidade de todos. Ele passaria a dominar minhas horas de vigília. Se *Sexo no cativo* esquadrihava os dilemas do desejo em relações com compromisso, *Casos e casos* segue a trajetória do desejo quando ele se volta para outros lados.

Dito isso, este não é apenas um livro sobre infidelidade. *Casos* tem muito o que nos ensinar sobre relacionamentos — o que esperamos, o que acreditamos querer e o que sentimos merecer. São uma janela excepcional para nossas posturas pessoais e culturais em relação ao amor, ao desejo e ao compromisso. Ao examinar o amor ilícito sob diversos ângulos, espero envolvê-lo, leitor, em uma exploração provocadora, inteligente e franca das relações modernas em

suas várias vertentes. Eu gostaria de estimular uma conversa entre você e seus entes queridos sobre questões como fidelidade e lealdade, desejo e cobiça, ciúmes e posse, franqueza e perdão. Incentivo você a se questionar, a dizer o indizível e a não ter medo de desafiar a correção sexual e emocional.

Meu papel como terapeuta é criar um espaço seguro em que a diversidade de experiências possa ser explorada com compaixão. Como autora, espero fazer o mesmo. Nesse sentido, este não é um livro prescritivo para a superação da crise provocada por um caso, embora eu espere que seja de alguma serventia àqueles que atualmente estão no meio de uma, seja em que papel for. Na verdade, meu objetivo é apresentar uma conversa mais produtiva sobre o assunto, que no final das contas fortaleça todas as relações ao torná-las mais sinceras e mais resilientes.

A conversa sobre casos hoje em dia tende a ser desagregadora, avaliativa e míope. No âmbito da cultura, somos cada vez mais abertos ao falar de sexo, mas a infidelidade continua envolta em uma nuvem de vergonha e silêncio. Torço para que este livro ajude a romper com esse tabu e inaugure uma nova maneira de pensar e falar de um de nossos mais antigos jeitos de ser. Muito já foi escrito sobre prevenção e cura, mas muito pouco foi dito sobre os significados e motivações dos casos; menos ainda foi dito sobre o que podemos aprender com eles e como eles podem influenciar e transformar nossas relações.

Certas pessoas consideram essas questões irrelevantes. Só os fatos interessam, dizem elas. O avião caiu: pegue os sobreviventes e corra. Mas é cada vez maior o número de pessoas que me procuram porque gostariam de saber o que aconteceu, por que o avião caiu e se poderiam ter feito alguma coisa para evitar a queda. Elas querem entender a situação, aprender com ela e voar de novo. Para todas essas pessoas, eu gostaria de partir de onde a conversa

geralmente para e enfrentar algumas das questões mais incômodas que a infidelidade traz à tona.

Nas páginas seguintes, vou examinar as muitas facetas dos casos extraconjugais — abordando a dor e os danos causados pela traição, bem como a emoção e a autodescoberta inerentes à transgressão. Quero analisar a tensão entre as vastas oportunidades de um caso e o perigo iminente fortemente vinculado a ele. O que devemos entender em relação à dualidade entre as dimensões libertadora e empoderadora do amor adúltero e do dano que pode infligir?

Também pretendo incluir os círculos mais amplos da família, da comunidade e da cultura. Espero enraizar essa discussão de nossas relações mais pessoais em um contexto histórico e social mais amplo.

Ao propor outro tipo de visão sobre esse assunto incendiário, sei muito bem dos riscos que assumo. Crenças sobre a infidelidade estão entranhadas na nossa psique cultural, e questioná-las sem dúvida será visto por alguns como irreverência perigosa ou parcialidade moral da minha parte. Embora eu prefira contornar a condenação irrestrita a fim de permitir uma investigação cuidadosa, não aprovo a dissimulação ou acho a traição uma bobagem. Todos os dias me sento com a desolação no consultório. Entender a infidelidade não significa justificá-la. No entanto, em todas as situações, à exceção das mais extremas, ficar nos termos mais simplistas do julgamento não tem serventia alguma.

Eu gostaria de falar um pouco sobre como coletei as informações para este livro. A minha pesquisa não é um estudo científico baseado em evidências nem um estudo sociológico fundamentado em dados coletados em diversos sites para pessoas em busca de casos. Minha abordagem é parecida com a de um antropólogo e de um explorador. Converso com as pessoas e as escuto. A matéria-prima para este livro veio das minhas sessões de terapia, cursos, palestras mundo afora, bate-papos informais e das centenas

de pessoas que me mandaram cartas e deixaram comentários no meu site, meu blog, meus TED Talks e minha página no Facebook.

Na minha prática psicoterápica, passei os últimos seis anos concentrada sobretudo em casais que lidavam com a infidelidade. Com essas pessoas, mergulhei a fundo no tema. Como encontro os companheiros tanto sozinhos como juntos, tive acesso privilegiado à experiência do companheiro infiel e não somente à dor do traído. Tenho a sorte de trabalhar com pessoas do mundo inteiro, o que me ajudou a fornecer diferentes perspectivas culturais, mas tenho consciência de que meus pacientes não necessariamente representam um leque de grupos econômicos e sociais, já que estar ali é uma possibilidade e escolha deles.

Casos extraconjugais e segredos caminham de mãos dadas, por isso este livro contém muitos segredos. Em geral, é impossível contar o segredo de alguém sem trair o de outra pessoa. Alguns dos detalhes que dão à história sua pungência inconfundível são exatamente os que tive de esconder em prol da confidencialidade. Todas as pessoas retratadas neste livro foram cuidadosamente encobertas a fim de proteger seu anonimato, mas me esforcei para preservar suas palavras características e a precisão emocional de cada situação.

Por fim, faço um agradecimento. Ao pesquisar e escrever este livro, fui inspirada e instruída por inúmeros pensadores, escritores e especialistas. Mas um livro que supera todos os outros é aquele ao qual devo meu título. O *State of Affairs: Explorations in Infidelity and Commitment* original é um compêndio de perspectivas sociológicas sobre a infidelidade que consolida o tema como digno de pesquisas acadêmicas sérias. Ao ler artigo detalhado atrás de artigo detalhado, me senti instigada a me aprofundar no tema do adultério e sondar suas dimensões psicológicas com uma abordagem inclusiva e multidimensional.

Gostemos ou não, as aventuras amorosas vieram para ficar. E toda a tinta derramada em conselhos que recebemos sobre como tornar nossos relacionamentos “à prova de casos” não conseguiu refrear o número de homens e mulheres que pulam a cerca. A infidelidade acontece em casamentos bons, em casamentos ruins e até quando o adultério é punível com a morte. Acontece em relações abertas em que o sexo extraconjugal é cuidadosamente negociado de antemão. E a liberdade de deixar uma relação ou pedir o divórcio não tornou a traição obsoleta. Depois de mergulhar no assunto, passei a entender que não existe verdade única, não existe tipologia abrangente para descrever essa prova de fogo de paixão e traição. A única coisa que posso lhe dizer com certeza é que nada do que vou dizer é invenção.

Esther Perel, Nova York, janeiro de 2017

Parte I

A preparação do terreno

1. Uma nova conversa sobre casamento e infidelidade

Levaria tempo demais para explicar a união íntima de contradições na natureza humana que faz com que o amor em si às vezes assuma a forma desesperada da traição. E talvez não haja explicação possível.
Joseph Conrad, *Some Reminiscences* [Algumas reminiscências]

Neste exato momento, em todos os cantos do mundo, alguém está traindo ou sendo traído, pensando em ter um caso, aconselhando alguém que está no meio de um ou completando o triângulo como amante secreto. Nenhum aspecto da vida de um casal causa mais medo, fofoca ou fascínio do que um caso. O adultério existe desde que o casamento foi inventado, assim como o tabu que o cerca. Foi legislado, debatido, politizado e demonizado ao longo da história. Porém, apesar de sua condenação geral, a infidelidade tem uma tenacidade que ao casamento só resta invejar. A tal ponto que é o único pecado que tem dois mandamentos na Bíblia, um por consumá-lo e um só por pensar nele.

Em todas as sociedades, em todos os continentes e em todas as épocas, independentemente das punições e dos impedimentos, homens e mulheres escaparam dos limites do matrimônio. Em quase todos os lugares onde as pessoas se casam, a monogamia é a norma oficial e a infidelidade é a clandestina. Portanto, como devemos entender esse tabu consagrado pelo tempo — universalmente proibido mas universalmente praticado?

Nos últimos seis anos tenho tido essa conversa — não somente entre as paredes enclausuradas do meu consultório terapêutico, mas em aviões, jantares, congressos, na manicure, com colegas, com os caras que consertam a TV a cabo e, é claro, nas redes sociais. De Pittsburgh a Buenos Aires, Nova Délhi a Paris, venho conduzindo minha própria pesquisa aberta sobre casos extraconjugais na atualidade.

No mundo inteiro, as respostas que obtenho quando menciono “infidelidade” vão da condenação amarga à aceitação resignada, da compaixão prudente ao franco entusiasmo. Na Bulgária, um grupo de mulheres considerava o flerte dos maridos lastimável, mas inevitável. Em Paris, o assunto traz frisson imediato à conversa durante um jantar, e percebo quantas pessoas já estiveram dos dois lados da situação. No México, as mulheres se orgulham do crescimento dos casos femininos, pois os consideram uma forma de revolta social contra a cultura chauvinista que sempre criou espaço para que os homens tivessem “duas casas”, *la casa grande y la casa chica* — uma para a família e outra para a amante. A infidelidade pode ser onipresente, mas a maneira como a interpretamos — como a definimos, sofremos por ela e falamos dela — no fundo está ligada à época e ao lugar específicos onde o drama se desenrola.

Deixe-me perguntar: quando pensa em infidelidade, quais são as primeiras palavras, associações e imagens que passam pela sua cabeça? Elas mudam se eu usar as expressões “caso amoroso” ou “romance”? Que tal “encontro”, ou “aventura”, ou “relacionamento”, ou “amizade colorida”? Suas reações são enviesadas em direção à reprovação ou à compreensão? Para que lado recai sua empatia — o da pessoa namoradeira, da infiel, da amante, dos filhos? E as respostas mudaram por causa de fatos de sua vida?

Convicções acerca de casos extraconjugais estão profundamente arraigadas na nossa psique cultural. Nos

Estados Unidos, onde vivo e trabalho, a conversa tende a ser visceral, carregada e polarizada.

“A infidelidade? É um impeditivo”, diz uma pessoa. “Quem trai uma vez trai sempre.”

“Poxa”, retruca outra, “a monogamia não é natural.”

“Que papo mais furado!”, replica uma terceira. “Nós não somos gatos no cio, somos seres humanos. Sejam adultos.”

No mercado americano, o adultério é vendido com uma mistura de denúncia e excitação. Capas de revistas promovem a obscenidade enquanto pregam a falsa beatice. Como cultura, nos tornamos tão abertos do ponto de vista sexual, que chegamos ao limite do transbordamento, mas, no que se refere à fidelidade sexual, até as mentes mais liberais podem permanecer intransigentes. O curioso é que nossa insistente censura mantém o vigor da infidelidade sob controle sem revelar como ela é frequente. Não temos como fechar os olhos para o fato de que ela acontece, mas todos podemos concordar que não deveria acontecer. Os eleitores clamam por pedidos públicos de desculpas ao mesmo tempo que examinam os detalhes de péssimo gosto. Dos escalões mais altos das elites política e militar à sua vizinha, a infidelidade indica narcisismo, falsidade, imoralidade e deslealdade. Sob esse ponto de vista, ela nunca será uma simples transgressão, uma aventura sem sentido ou um amor genuíno.

O discurso contemporâneo sobre o tema pode ser resumido da seguinte forma: a infidelidade deve ser um sintoma de que um relacionamento deu errado. Se você tem tudo de que precisa em casa, não deveria ter motivos para pular a cerca. Os homens traem por tédio e medo de intimidade; as mulheres traem por solidão e sede de intimidade. O parceiro fiel é o maduro, comprometido, realista; o infiel é egoísta, imaturo e carece de controle. Casos são sempre danosos e nunca podem socorrer um casamento ou ser aceitos. O único jeito de restabelecer a

confiança e a intimidade é pela confissão da verdade, o arrependimento e a absolvição. Por fim, o divórcio gera mais amor-próprio do que perdão.

O tom moralizador da conversa atual tende a atribuir o “problema” a casais ou indivíduos falhos, evitando as questões maiores que o alcance do fenômeno pode incitar. A infidelidade diz muito sobre o casamento — não só o seu casamento, mas o casamento como instituição. Também nos faz mergulhar na cultura do merecimento atual, em que vemos nossos privilégios como ponto pacífico. Será que realmente achamos possível culpar algumas maçãs podres pela proliferação da infidelidade? Não é plausível que todos os milhões de amantes traidores sejam patológicos.

A FAVOR OU CONTRA?

Há poucos termos neutros para descrever o adultério. O opróbrio moral há muito é o principal instrumento de contenção de nossos ímpetos rebeldes, a tal ponto que não temos palavras para falar do assunto sem ele. A linguagem ao nosso alcance aperta contra o peito o tabu e o estigma representados pela infidelidade. Enquanto os poetas falam de amantes e aventureiros, o vocabulário preferido pela maioria das pessoas inclui traidores, traíras, mentirosos, viciados em sexo, mulherengos, ninfomaníacos, galinhas e piranhas. O léxico todo é organizado em torno de um eixo de transgressões que não apenas reflete nosso juízo como o fomenta. O próprio termo “adultério” é derivado da palavra latina que significa corrupção. Ainda que lute para trazer uma perspectiva mais equilibrada a esse tema, tenho consciência da linguagem parcial que em geral usarei.

Entre os terapeutas, também é raro o diálogo equilibrado, isento. Casos extraconjugais são predominantemente descritos em termos de danos causados, com o enfoque ou na prevenção ou na cura. Pegando empréstimos da linguagem da criminalização, os clínicos volta e meia rotulam o cônjuge fiel de “vítima” e o infiel de “culpado”.

Em geral, existe muita preocupação com os traídos e conselhos minuciosos de reparação para que os infiéis ajudem o parceiro ou a parceira a superar o trauma.

A revelação de um caso pode ser arrasadora; não surpreende que a maioria das pessoas queira tomar partido. Quando falo para alguém que estou escrevendo um livro sobre infidelidade, a reação imediata costuma ser a questão “Você é a favor ou contra?”, como se houvesse somente essas duas opções. Minha resposta é “sim”. Por trás dessa réplica enigmática há o meu desejo sincero de entabular uma conversa mais nuançada e menos crítica acerca da infidelidade e dos dilemas concomitantes. As complexidades do amor e do desejo não se submetem a categorizações simplistas de bom ou mau, vítima e culpado. Para deixar claro, não condenar não quer dizer aprovar, e existe um mundo de diferença entre compreender e justificar. No entanto, quando reduzimos a conversa a um juízo de valor, não nos resta conversa nenhuma.

Também não nos resta espaço para pessoas como Benjamin, um senhor amável de setenta e poucos anos que me abordou após uma palestra em Los Angeles para perguntar: “Continua sendo traição quando a sua esposa não sabe mais o seu nome? Minha esposa tem Alzheimer”, explicou. “Ela está em um asilo há três anos, e eu a visito duas vezes por semana. Faz catorze meses que estou saindo com outra mulher. O marido dela está no mesmo andar. Nós nos reconfortamos.” Talvez Benjamin seja um dos “traidores” mais legais que conheci na vida, mas ele não está sozinho. Muitos têm grande interesse no bem-estar do companheiro ainda que mintam para eles, assim como muitos que foram traídos continuam a amar o traidor mentiroso e desejam encontrar uma maneira de continuar juntos.

Em prol de todas essas pessoas, estou empenhada em achar uma abordagem mais compassiva e eficaz da infidelidade. É comum as pessoas verem um caso como um

trauma sem volta, e de fato certos casos são um golpe mortal em um relacionamento. Porém, outros podem inspirar mudanças que eram tremendamente necessárias. A traição corta fundo, mas a ferida pode ser curada. Casos podem até se tornar produtivos para o casal.

Como acredito que algum bem possa ser extraído da crise da infidelidade, volta e meia me perguntam: “Então você recomendaria um caso extraconjugal a um casal que esteja em crise?”. Minha resposta? Muitas pessoas têm experiências positivas, transformadoras, ao enfrentar doenças terminais. Mas eu não recomendaria ter um caso, assim como não recomendaria ter um câncer.

VOCÊ JÁ FOI AFETADO PELA INFIDELIDADE?

Assim que adquiri o interesse pelo tema da infidelidade, passei a perguntar aos membros da plateia se alguém já tinha tido um caso. Não é surpresa nenhuma que ninguém tenha levantado a mão. Não é muita gente que assume publicamente ter pulado a cerca ou ter sido enganado.

Levando esse fato em conta, mudei a pergunta para “Quantos de vocês já foram afetados pela infidelidade?”. Era impressionante o número de mãos levantadas, e isso aconteceu em todas as plateias às quais fiz essa pergunta. Uma mulher viu o marido de uma amiga beijar uma bela desconhecida no trem. Agora a questão de contar ou não a ela pesa sobre a amizade. Uma adolescente descobriu que a mulher com quem o pai levava uma vida dupla tinha a mesma idade que ela. Uma mãe não conseguia entender por que o filho permanecia com “aquela sem-vergonha”, como se referia à nora, que não era mais bem-vinda nos almoços de domingo. Os ecos de segredos e mentiras ressoam por várias gerações, deixando para trás amores não correspondidos e corações despedaçados. A infidelidade não é meramente a história de duas ou três pessoas: ela conecta redes inteiras.

Talvez os próprios aventureiros não levantem a mão em público de imediato, mas me contam suas histórias em particular. As pessoas me puxam de lado em festas ou visitam meu consultório para confiar seus segredos e suspeitas, desejos transgressivos e amores proibidos.

A maioria dessas histórias é bem mais banal do que aquelas que ganham as manchetes: não existe filho, ^{DST}, perseguição ao ex-amante com extorsões de dinheiro. (Imagino que esses casais recorram a advogados, não a terapeutas.) Claro que já tive minha cota de narcisistas, onívoros sexuais e indivíduos negligentes, egoístas ou vingativos. Já vi atos extremos de falsidade, em que companheiros que não desconfiavam de nada foram surpreendidos pela descoberta de uma segunda família, contas de banco escondidas, promiscuidade temerária e métodos esmerados de duplicidade. Já fiquei cara a cara com homens e mulheres que mentem descaradamente para mim durante todo o tempo de terapia. Porém, são normalmente inúmeros homens e mulheres comprometidos, que partilham histórias e princípios — princípios que em geral incluem a monogamia —, cujas narrativas se desdobram segundo uma trajetória humana mais singela. A solidão, os anos de apatia sexual, o ressentimento, o arrependimento, o desleixo conjugal, a juventude perdida, a atenção almejada, as bebidas além da conta — coisas assim são a essência da infidelidade cotidiana. Muitas dessas pessoas ficam muito confusas quanto à própria conduta e me procuram em busca de ajuda.

As motivações das puladas de cerca variam bastante, assim como as reações e as possíveis consequências. Alguns casos são atos de resistência. Outros acontecem quando não oferecemos nenhuma resistência. Uma pessoa pode cruzar os limites por uma simples aventura enquanto outra está querendo emigrar. Certas infidelidades são rebeldias mesquinhas, suscitadas por uma sensação de tédio, o desejo de novidade ou a necessidade de saber se

ainda é uma pessoa atraente. Outros revelam uma sensação antes desconhecida — um sentimento de amor avassalador, que é inegável. Paradoxalmente, muitas pessoas ciscam fora do casamento a fim de preservá-lo. Quando as relações se tornam abusivas, a transgressão pode ser uma força regeneradora. Fazer desvios pode soar o alarme que sinaliza uma necessidade urgente de prestar atenção ou pode ser a sentença de morte que se segue ao último fôlego de uma relação. Os casos são um ato de traição e também uma expressão de anseio e perda.

Portanto, abordo a infidelidade de múltiplas perspectivas. Tento valorizar e ter empatia com o ponto de vista de ambos os lados — o que a infidelidade fez com um e o que significou para o outro. Também considero outros interessados da relação — amante, filhos, amigos —, e às vezes trabalho com eles. Um caso é uma história vivenciada por duas (ou mais) pessoas de modos totalmente diferentes. Portanto, se torna muitas histórias, e precisamos de uma moldura capaz de conter esses relatos extremamente distintos e conflitantes. Discursos dicotômicos não incitam compreensão ou reconciliação. Ver aventuras simplesmente em termos dos estragos que causam não é apenas reducionista como também inútil. Por outro lado, desdenhar o mal que foi feito e apenas glorificar a propensão humana à exploração não é menos reducionista nem mais útil. Uma postura que leve ambos em consideração talvez seja muito mais adequada à maioria das situações. Precisamos de uma narrativa que crie uma ponte para ajudar as pessoas de verdade a lidar com a experiência multifacetada da infidelidade — os motivos, os significados e as consequências. Sempre haverá quem insista que até mesmo a tentativa de entender dá à traição mais dignidade do que ela merece. Mas essa é a função desta terapeuta.

Em um dia típico, meu primeiro paciente é Rupert, um sujeito de 36 anos que saiu do Reino Unido para ir atrás da

esposa em Nova York. Ele sabe que ela está tendo um caso, mas resolveu não confrontá-la. “Tenho um casamento para reconstruir e uma família para salvar”, ele diz. “Meu foco está em nós. Sei que ela se apaixonou por outra pessoa, mas o que fico me perguntando é: ela pode voltar a se apaixonar por mim?”

Em seguida, recebo Delia e Russell — namorados de faculdade que se reaproximaram por meio do LinkedIn muito tempo depois de terem construído as respectivas famílias. Conforme Delia diz: “A gente não podia passar o resto da vida se perguntando o que poderia ter sido”. Agora eles descobriram a resposta, mas ela veio acompanhada de um dilema moral. “Nós dois fizemos terapia suficiente para saber que casos raramente são sustentáveis”, Russell me disse. “Mas eu acho que Delia e eu somos diferentes. Não é fogo de palha. É uma história de amor da vida inteira que foi interrompida. Será que devo jogar fora a chance de ficar com a mulher da minha vida, negar tudo o que sinto, para preservar um casamento que nunca foi grande coisa?”

Farrah e Jude, um casal lésbico na faixa dos 35 anos, estão juntas há seis. Jude está tentando entender por que Farrah teve um caso secreto *depois* que as duas concordaram em abrir a relação. “Tínhamos um acordo pelo qual não havia problema em dormir com outras mulheres, desde que uma contasse para a outra”, Jude relata. “Imaginei que abrir a relação nos protegeria, mas mesmo assim ela mentiu. O que mais eu posso fazer?” Nem uma relação aberta é garantia contra a dissimulação.

Durante o intervalo de almoço, leio e-mails. Um deles foi enviado por Barbara, uma mulher de 68 anos de Minnesota que enviuvou há pouco tempo. “No meio do meu processo de luto, descobri sinais do caso de longa data do meu marido. Agora estou tendo que lidar com questões que jamais imaginaria — por exemplo, devo contar para a minha filha? E, para piorar a situação, meu marido era muito respeitado na nossa comunidade, e eu continuo sendo

convidada para as homenagens a ele, às quais todos os meus amigos comparecem. Me sinto de mãos atadas — uma parte de mim deseja que seu legado permaneça imaculado, e a outra sofre de vontade de contar a verdade.” Em nossas conversas, discutimos o poder que uma descoberta tem de mudar uma vida inteira. Como é que alguém consegue reconstruir tanto sua vida como sua identidade após uma dupla perda, da traição e da viuvez?

A mensagem de Susie é tomada de raiva justificada em nome de sua mãe. “Ela foi uma santa que continuou com o meu pai até a morte, apesar do caso antigo que ele mantinha.” Fico me perguntando se ela já pensou em contar a história de outro jeito. E se o pai nutria um amor sincero pela outra mulher mas ficou e se sacrificou em prol da família?

Adam, um jovem terapeuta, me enviou uma mensagem no Facebook depois de comparecer a um de meus cursos. “Sempre achei que traidores fossem canalhas”, ele escreveu. “Deviam ao menos ter a decência de respeitar as pessoas com quem se casaram e não agir pelas costas delas. E, no entanto, presenciando aquela discussão, de repente tive um despertar brutal. A sala onde estávamos era segura e confortável, mas eu não parava de me mexer na cadeira, como se um carvão quente na almofada me acordasse para a realidade. Sempre fiz vista grossa para o fato de que meus pais eram casados quando se conheceram; na verdade, meu pai orientava minha mãe, que tentava largar seu marido abusivo. O caso entre os dois foi como eu vim parar neste mundo. Trinta e quatro anos atrás, o adultério foi o ato que permitiu aos meus pais achar a pessoa com quem queriam passar o resto da vida.” O pensamento preto no branco de Adam se embaralhou tanto do ponto de vista pessoal como profissional.

Minha última sessão do dia é com Lily, uma representante publicitária de 37 anos que vem adiando seus ultimatoss há quase uma década, esperando o amante se divorciar da

esposa. Ele teve mais dois filhos desde que começaram o caso, e Lily sente sua fertilidade diminuir a cada dia que passa. “Congelei meus óvulos no mês passado”, ela me confidenciou, “mas não quero contar isso para ele — preciso de todo o poder que me for possível.” Ela descarrega sua ambivalência sessão após sessão — uma semana convicta de que é enrolada por ele e na semana seguinte agarrando qualquer migalha de esperança de ser realmente o amor da vida dele.

No meio de um jantar, recebo uma mensagem de texto “urgente”. Jackson está fora de si e precisa conversar imediatamente. A esposa acabou de descobrir que faltavam comprimidos demais no frasco de Viagra e o expulsou de casa. “Para ser sincero”, ele declara, “me sinto péssimo mentindo para ela, mas não aguentava ver a cara de repulsa que ela fazia sempre que eu tentava dividir minhas necessidades sexuais com ela.” A vida fantasiada por Jackson era exuberante, mas a esposa a achava broxante, e disse isso a ele repetidas vezes. Depois de anos de rejeição, ele levou seu leque de fantasias para outro canto. “Eu devia ter sido franco”, ele diz, “mas havia coisas demais em jogo. Minhas necessidades sexuais eram importantes, mas não tão importantes a ponto de eu abrir mão de ver meus filhos no café da manhã todos os dias.”

Ao escutar as histórias de todas essas pessoas, fico chocada, crítica, compassiva, protetora, curiosa, entusiasmada e indiferente, e às vezes tudo isso em uma hora. Já chorei com eles, me senti esperançosa e desesperançada, e me identifiquei com todos os envolvidos. Por ver, diariamente, o estrago que esse ato pode causar, vejo também como o debate sobre a infidelidade ainda é inadequado.

UMA JANELA PARA O CORAÇÃO HUMANO

Casos extraconjugais têm muito o que nos ensinar sobre relacionamentos. Eles abrem a porta para um exame mais

profundo de valores, da natureza humana e do poder do eros; nos forçam a lidar com algumas questões muito inquietantes: o que instiga alguém a cruzar fronteiras estabelecidas com tanto empenho? Por que a traição sexual magoa *tanto*? Casos são sempre atos egoístas e covardes ou em certas situações podem ser compreensíveis, aceitáveis, até mesmo um gesto audacioso e corajoso? E, conhecendo ou não esse drama, o que podemos aprender com a empolgação da infidelidade para revigorar nossas relações?

Um amor secreto tem de ser sempre revelado? A paixão tem prazo de validade? Existem satisfações que um casamento, ainda que bom, jamais consegue saciar? Como atingir o esquivo equilíbrio entre nossas carências emocionais e nossos desejos eróticos? Será que a monogamia já deixou para trás sua utilidade? O que é fidelidade? Somos capazes de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo?

Para mim, essas conversas são partes fundamentais de qualquer relação adulta, íntima. Para a maioria dos casais, infelizmente, a crise gerada por um caso marca a primeira vez em que tais assuntos são debatidos. A catástrofe acaba nos empurrando para a essência das coisas. Recomendo que não se espere a tempestade, mas que se enfrente essas ideias em um clima mais ameno. Falar do que nos leva além de nossa cerca — e do medo da perda que acompanha essa atitude — em uma atmosfera de confiança pode de fato fomentar a intimidade e o compromisso. Nossos desejos, até mesmo os mais ilícitos, são característicos da nossa humanidade.

Por mais tentador que seja resumir os casos a sexo e mentiras, prefiro usar a infidelidade como um portal para a paisagem complexa das relações e dos limites que fixamos para mantê-las. A infidelidade nos põe cara a cara com as forças opostas e voláteis da paixão: a atração, a luxúria, a urgência, o amor e sua impossibilidade, o alívio, a

armadilha, a culpa, a mágoa, o pecado, a vigilância, a loucura da desconfiança, o ímpeto homicida de pagar na mesma moeda, o desfecho trágico. Esteja avisado: tratar dessas questões exige disposição para descambar em um labirinto de forças irracionais. O amor é complicado, a infidelidade mais ainda. Mas também é uma janela, como nenhuma outra, para as frestas do coração humano.

A NOVA VERGONHA

Divórcio. Em todos os debates acalorados sobre infidelidade, na internet e fora dela, essa palavra brota sem parar. Se você está pensando em ter um caso, peça o divórcio. Se está tão infeliz a ponto de trair, está infeliz a ponto de cair fora. E se o seu companheiro tem um caso, ligue para o advogado agora mesmo.

Jessica, uma moça do Brooklyn de trinta e poucos anos e com um filho de dois, me contatou uma semana após descobrir que Julian, seu marido havia quatro anos, tinha um caso com uma colega de trabalho. “Achei uma conta secreta de Facebook com mensagens para uma mulher.” Filha da era digital, ela procurou on-line formas de lidar com o problema. “Tudo o que eu lia me deixava péssima”, explica. “Pareciam conselhos ruins tirados de uma revista feminina. *Siga em frente sem olhar para trás! Se ele pulou a cerca uma vez, vai pular de novo! Dê o fora nele!*”

“Nenhum dos sites que visitei tratava do fato de que eu ainda tinha sentimentos bem fortes por esse homem”, ela disse. “Tínhamos planejado nossa vida inteira juntos e ele é o pai do meu filho. Sou afeiçoada à família dele, e os parentes dele me deram muito apoio nesta última semana. Todos aqueles artigos e redatores, para não falar dos meus próprios pais, andam me dizendo que ele é um lixo e que meus sentimentos por ele são equivocados. Meu pai chegou a sugerir que eu tenho síndrome de Estocolmo! Eu me sinto julgada, como se fosse uma ‘daquelas mulheres’ que deixam o marido sair impune depois de uma traição.”

Jessica é uma mulher financeiramente independente e tem alternativa, ao contrário das inúmeras mulheres que não têm opção diante dos privilégios patriarcais do marido. E, justamente por viver sob uma declaração de direitos diferente, nossa cultura exige que ela os exercite. Enquanto

a escuto, minha mente volta à oficina que ministrei há pouco tempo com um grupo de mulheres de um vilarejo no Marrocos. Quando lhes expliquei que hoje em dia nos Estados Unidos mulheres como Jessica são incentivadas a adotar uma postura firme e ir embora, uma moça riu. “Se nós largássemos todos os maridos que correm atrás de rabos de saia, madame, o Marrocos inteiro estaria divorciado!”

Antigamente, o divórcio carregava o estigma todo. Agora, escolher ficar quando se pode partir é a nova vergonha. O maior exemplo disso é Hillary Clinton. Muitas mulheres que a admiram nunca se conformaram com a decisão que ela tomou de continuar com o marido apesar de ter a possibilidade de largá-lo. “Cadê o amor-próprio?”

Obviamente há momentos em que o divórcio é inevitável, sensato ou simplesmente o melhor desenlace para todos os envolvidos. Mas será a única opção honrada? O risco é de que, em meio à dor e à humilhação, a pessoa se precipite e confunda suas reações ao caso com seus sentimentos acerca da relação como um todo. A história é reescrita, pontes são queimadas junto com as fotos do casamento e os filhos dividem suas vidas entre duas casas.

Jessica não está pronta para botar o marido para fora. “As pessoas erram. Não sou nenhuma santa; apesar de não ter dormido com outros, também não sou um primor na minha capacidade de lidar com os problemas — eu me fecho e bebo demais quando as coisas dão errado ou estou estressada. Se não deixarmos nosso parceiro tropeçar, ficaremos todos infelizes e sozinhos.” Ela está pronta para dar uma segunda chance a Julian.

A pressa em pedir o divórcio não dá espaço para erros, para a fragilidade humana. Tampouco dá espaço à reparação, à resiliência e à recuperação. E não dá espaço a pessoas como Jessica e Julian, que desejam aprender e crescer com o ocorrido. Eles me dizem: “Nós dois queremos que as coisas se ajeitem. Tivemos algumas conversas

incríveis desde que tudo isso começou. Conversas francas de verdade, e também construtivas, como não tínhamos há anos”. Mas então eles se perguntam: “Tínhamos mesmo de enfrentar um caso extraconjugal só para conseguirmos ser sinceros de verdade um com o outro?”. Ouço esse questionamento com frequência e compartilho desse lamento. Mas essa é uma das verdades inconfessadas dos relacionamentos: para muitos casais, nada menos extremo é forte o suficiente para chamar a atenção do companheiro e sacudir um sistema rançoso.

No final das contas, o problema das conversas sobre infidelidade carregadas de críticas, acusações e repreensões é que elas impedem qualquer possibilidade de entendimento mais aprofundado, e portanto de esperança e cura — juntos ou separados. A vitimização torna os casamentos mais frágeis. É claro, quando Julian trai Jessica enquanto ela está em casa, trocando as fraldas do neném, é providencial que ela entre em contato com a própria raiva, uma reação adequada a essa desfiguração do relacionamento dos dois. Mas quanto mais falo com pessoas afetadas pela infidelidade — o protagonista e o coadjuvante, os amantes, os filhos —, mais forte é a minha necessidade de ter uma visão da vida e do amor que se afaste da culpa. Não ganhamos nada cultivando sentimentos amargos, vingativos e desagregadores. O principal exemplo disso é uma mulher que conheci cuja indignação era tão intensa que ela contou ao filho de cinco anos dos anos de condutas sexuais impróprias por parte do marido, “porque meu filho tem que saber por que a mamãe está chorando”.

Embora a infidelidade tenha se tornado um dos principais motivos de divórcio, um grande número de casais continua junto apesar dos casos fora do relacionamento. Mas por quanto tempo e sob quais condições? Vão ter a oportunidade de sair mais fortes ou vão enterrar o caso sob uma montanha de vergonha e desconfiança? A maneira

como metabolizam o caso moldará o futuro da relação e da vida de ambos.

Hoje em dia, no Ocidente, a maioria das pessoas terá dois ou três relacionamentos ou casamentos duradouros significativos. E alguns os terão com a mesma pessoa. Quando um casal me procura na esteira de um caso, eu em geral lhes digo: o primeiro casamento de vocês acabou. Vocês gostariam de criar um segundo casamento juntos?

2. A definição de infidelidade: bater papo é trair?

Não tive relações sexuais com aquela mulher.

Presidente Bill Clinton Todo mundo quer saber: “Qual é a porcentagem de pessoas que traem?”. Mas é uma pergunta de resposta difícil, já que primeiro é preciso responder: “O que é trair?”. A definição de infidelidade é tudo menos fixa, e a era digital oferece uma gama sempre crescente de contatos possivelmente ilícitos. Bater papo é trair? E enviar mensagens eróticas, ver pornô, participar de uma comunidade dedicada a um fetiche, continuar secretamente ativo em aplicativos de paquera, pagar por sexo, danças eróticas, massagens com finais felizes, para ver mulheres ficando com mulheres, manter contato com o ex?

Como não existe definição universalmente aceita do que constitui infidelidade, estimativas de sua prevalência entre casais americanos variam muito, indo de 26% a 70% no caso das mulheres e de 33% a 75% no dos homens. ¹ Sejam quais forem os números exatos, todo mundo concorda que eles estão em ascensão. E muitos dedos apontam as mulheres como responsáveis pelo aumento, já que elas estão fechando rapidamente a “diferença de infidelidade” (pesquisas indicam um salto de 40% desde 1990, enquanto os índices masculinos permaneceram estáveis). ² Na verdade, quando a definição de infidelidade inclui não só “relação sexual” mas também envolvimento romântico, beijos e outros contatos sexuais, as universitárias traem muito mais do que os universitários. ³

A coleta de dados é dificultada por um fato simples: no que diz respeito a sexo, as pessoas mentem — sobretudo

sobre sexo que não deveriam estar fazendo. Mesmo sob o manto do anonimato, estereótipos de gênero persistem. Os homens são socializados para se gabar, exagerar e representar de forma exacerbada suas façanhas sexuais, enquanto as mulheres minimizam, negam e representam de modo atenuado as delas (o que não é uma surpresa, levando-se em conta que ainda há nove países em que as mulheres podem ser sentenciadas à morte por pular a cerca). A franqueza sexual é inseparável das políticas sexuais.

Além disso, somos contradições ambulantes. Embora em sua maioria as pessoas digam que seria um erro tenebroso o companheiro mentir sobre um caso, essas mesmas pessoas declaram que seria exatamente assim que agiriam se tivessem um. E em resposta à clássica pergunta “Você teria um caso se soubesse que jamais seria pego?”, os números são exorbitantes. No final das contas, não existe montante de estatísticas, por mais rigorosas que sejam, capaz de nos dar uma visão genuína da complexa realidade da infidelidade hoje em dia. Portanto, meu foco são as histórias, não os números, pois são as histórias que nos conduzem pelas preocupações humanas mais profundas da ânsia e do desencanto, do compromisso e da liberdade erótica. O tema que os une é que um companheiro se sente traído pelo outro. Mas é todo o resto que torna esses dramas cativantes. Seduzidos pela necessidade de rótulos, tendemos a agrupar experiências demais sob o único significante “infidelidade”.

SE FOSSE TÃO SIMPLES ASSIM...

“Você teve relações sexuais com alguém além do seu ou sua cônjuge nos últimos doze meses?” Se definir a infidelidade fosse tão simples quanto responder sim ou não a essa questão, meu trabalho seria muito mais fácil. As discussões sofridas que testemunho me lembram todo dia de que, apesar de certas formas de transgressão serem

cristalinas, o mundo da transgressão é tão nebuloso quanto o mundo da sexualidade.

Elias já sugeriu à esposa, Linda, que consultem um especialista. Têm profundas discordâncias a respeito do significado de traição. Cliente regular de boates de striptease, ele arma a defesa: “Eu olho, converso, pago, mas não encosto. Cadê a traição?”. Na cabeça dele, é um homem totalmente fiel. Linda discorda e o obriga a dormir no sofá.

Ashlee acabou de descobrir que a namorada, Lisa, de vez em quando transa com o ex-namorado, Tom. “Ela diz que isso não conta como traição porque ele é homem! Mas, na minha opinião, isso piora ainda mais a situação. Não só ela está agindo pelas minhas costas como está procurando uma coisa que eu não posso dar. Será que eu não passo de uma fase lésbica?”

Shannon se sente traída ao descobrir que o namorado, Corbin, acabou de comprar uma caixa de camisinhas — de que eles não precisam, visto que estão tentando engravidar. Corbin protesta: “Não fiz nada! Foi só uma ideia! Agora, além do meu telefone, você quer espiar também a minha cabeça?”. “Comprar camisinha para mim não é uma ideia!”, ela retruca. Não, mas será infidelidade?

E o que dizer da pornografia? Embora a maioria concorde que um exemplar antigo da *Playboy* debaixo do colchão não seja uma traição, os limites podem ficar turvos quando mudamos da imagem impressa para a tela. Muitos homens acham que assistir a vídeos pornôns entra na mesma categoria que a masturbação — alguns até alegam com orgulho que isso evita puladas de cerca. As mulheres são menos propensas a pensar assim. Violet, entretanto, sempre se considerou bastante cabeça aberta em relação à pornografia. Quando entrou na quitinete de Jared e o flagrou assistindo a uma loura ofegante na tela, apenas revirou os olhos e brincou que ele precisava de um hobby novo. Mas quando a mulher perguntou: “Cadê você, Jared? Já

terminou?”, ela percebeu que ele estava no Skype. “A pior parte é que ele está tentando me convencer de que não é traição”, ela me disse. “Ele chama isso de *pornografia personalizada*.”

As possibilidades para flertes são infinitas nessa época tão conectada. ⁴ Hoje, 68% dos americanos têm smartphone, o que quer dizer, como brinca o comediante Aziz Ansari, que “você está carregando no bolso um bar para solteiros que nunca fecha”. E não é só para solteiros. Os casados têm os próprios sites, como o infame Ashley Madison. A internet é muito democrática: oferece acesso igualitário a nossos desejos proibidos.

Você nem sequer precisa sair de casa para escapulir. Você pode ter um caso deitado na cama ao lado do companheiro. Meu paciente Joachim estava de conchinha com o marido, Dean, quando percebeu que ele trocava mensagens com outro cara do Manhunt. Kit estava sentado bem ao lado da namorada, Jodi, vendo tv no sofá, quando reconheceu o movimento que ela fazia na tela do iPhone. “Ela disse que estava só curiosa, que é como um jogo e que ela nunca chega aos finais”, ele me contou. “Mas nós dois concordamos em deletar o Tinder na nossa cerimônia de compromisso!”

Conforme destacou o finado pesquisador Al Cooper, a internet tornou o sexo “disponível, acessível e anônimo”. ⁵ Todos esses aspectos se aplicam igualmente à infidelidade, e eu acrescentaria outro adjetivo: ambíguo. Quando não é mais uma troca de beijos e sim uma troca de fotos de paus; quando a hora no quarto de motel se tornou um Snapchat de madrugada; quando o almoço secreto foi substituído por uma conta de Facebook secreta, como saber o que constitui um caso? Como resultado desse campo emergente de atividades furtivas, temos de repensar cuidadosamente como conceituar a infidelidade na era digital.

QUEM IMPÕE OS LIMITES?

Definir adultério é ao mesmo tempo bem simples e bem complicado. Hoje, no Ocidente, a ética dos relacionamentos não é mais ditada por autoridades religiosas. A definição de infidelidade já não cabe mais ao papa, e sim ao povo. Isso significa mais liberdade, assim como mais incerteza. Os casais têm de elaborar os próprios termos.

Quando alguém dá um passo à frente e assume: “Tive um caso”, ninguém discute a hermenêutica. Quando você pega o companheiro na cama com outra, ou encontra uma série de e-mails que apontam uma vida paralela de muitos anos, mais uma vez, é bastante óbvio. Mas quando um parceiro decide que a conduta do outro é traição e a reação é “Não é o que você está pensando”, “Não significou nada”, entramos em um território mais nebuloso. Normalmente, a tarefa de marcar as linhas de falha e interpretar seu sentido recai sobre quem se sente traído. Será que sentir-se magoado autoriza a pessoa a reivindicar a posse da definição?

O que é claro é que todas as caracterizações da infidelidade moderna envolvem a noção de quebra de contrato entre dois indivíduos. Não se trata mais de um pecado contra Deus, uma ruptura da união familiar, um turvamento dos laços de sangue ou uma dispersão de recursos e heranças. No cerne da traição hoje em dia está a quebra de confiança: esperamos que nosso parceiro aja de acordo com a série de suposições que compartilhamos e na qual baseamos nosso próprio comportamento. Não é necessariamente uma conduta sexual ou emocional específica que constitui a traição, mas o fato de que a conduta não está dentro do acordo do casal. Parece bem sensato. O problema é que, para a maioria de nós, esses acordos não são algo que passamos muito tempo negociando de forma explícita. Na verdade, chamá-los de “acordos” talvez seja forçar a barra.

Alguns casais formulam seus compromissos de frente, mas a maioria vai por tentativa e erro. Relações são uma

colcha de retalhos de regras e funções tácitas que começamos a costurar no primeiro encontro. Começamos a traçar limites — o que está dentro e o que está fora. O eu, o você e o nós. Saímos sozinhos ou fazemos tudo juntos? Juntamos as finanças? Nossa presença é esperada em todas as reuniões de família?

Revemos nossas amizades e decidimos a importância que devem ter, agora que temos um ao outro. Organizamos os ex-amores — sabemos deles, falamos deles, guardamos fotos deles no telefone, continuamos amigos no Facebook? Principalmente quando se trata desses afetos externos, vemos até que ponto escapamos ilesos sem pisar nos calos do outro. “Você nunca me falou que mantinha contato com essa garota da faculdade!” “Dormimos juntos dez vezes, mas estou vendo que você ainda tem seu perfil no Hinge.” “Entendo que ele é o seu melhor amigo e que vocês se conhecem desde o jardim de infância, mas você precisa contar a ele *tudo* que diz respeito a nós dois?”

Dessa forma demarcamos o terreno da separação e da união, esboçando o contrato implícito da relação. Não raro, a versão que uma pessoa guarda no arquivo interno é diferente da que foi guardada pelo companheiro.

Casais gays às vezes são a exceção à regra. Por terem vivido tanto tempo fora das normas sociais predeterminadas e lutado com valentia pela autodeterminação sexual, eles são muito conscientes do preço do confinamento sexual e não tão ávidos assim para se acorrentarem. São mais propensos a negociar abertamente a monogamia do que a tomá-la de maneira tácita como pressuposto. Ao mesmo tempo, uma minoria crescente de casais heterossexuais andam experimentando formas de não monogamia consensual, em que os limites são mais permeáveis e também mais explícitos. Isso não quer dizer que são imunes à agonia da traição, mas que é maior a probabilidade de estarem em sintonia quanto ao que constitui uma traição.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Casos e casos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).